

Norbert Elias e a solidão dos moribundos

Norbert Elias and the loneliness of the dying

Edilson Baltazar Barreira Júnior¹

Resumo

O artigo busca identificar as principais ideias apresentadas pelo sociólogo alemão Norbert Elias em seu livro intitulado *A solidão dos moribundos*, bem como estabelece um diálogo com o historiador francês Philippe Ariès, notadamente, a partir da obra denominada *O homem diante da morte*. Ambos estudiosos tematizam sobre a morte no mundo ocidental moderno. A proposta de Elias é debater a morte para além do diagnóstico médico dos sintomas físicos do envelhecimento e da morte, com uma análise sociológica explicitada na forma desumana como as sociedades industriais expõem seus velhos e moribundos ao isolamento e à solidão. Ariès, porém, mostra que a atitude do homem perante a morte mudou muito ao longo dos séculos e que a forma como é encarada hodiernamente é bastante recente. A revisão de literatura mostra que Elias critica Ariès ao apontar que a posição deste último sobre a atitude diante da morte como quase dogmática, pois enaltece a atitude tradicional de serena espera pela morte e despreza as fantasias de imortalidade presentes hoje.

Palavras-Chave: Norbert Elias. Philippe Ariès. solidão dos moribundos. morte. Medicina e Ciências Sociais.

Abstract

The article seeks to identify the main ideas presented by the German sociologist Norbert Elias in his book entitled *The loneliness of the dying* as well as establishing a dialogue with the French historian Philippe Ariès, notably from the work called *Man facing death*. Both scholars these deal about death in the modern Western world. The proposal to discuss the death of Elijah is beyond the medical diagnosis of physical symptoms of aging and death, with a sociological analysis as explained in the inhumane way the industrial companies expose their old and dying to isolation and loneliness. Ariès, however, shows that man's attitude towards death changed much over the centuries and how grubby it is today is fairly recent. The literature review shows that Elias Ariès critical to point out that the prosecution about the attitude toward death as an almost dogmatic, it extols the traditional attitude of quiet waiting for death and despises the fantasies of immortality here today.

¹ Mestre e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará; Professor na Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará e Pesquisador associado ao Núcleo de Estudos em Religião, Cultura e Política da Universidade Federal do Ceará

Keywords: Norbert Elias. Philippe Ariès. loneliness of the dying. death. Social Science and Medicine.

Introdução

Este artigo propõe identificar as principais ideias constantes no livro *A solidão dos moribundos* do sociólogo judeu Norbert Elias nascido na Alemanha em 1897 e falecido na Holanda em 1990. A obra foi escrita em 1982, quando o autor já estava com oitenta e cinco anos, portanto um homem idoso que discute sobre envelhecimento e morte no mundo ocidental moderno. Elias foi uma testemunha do Século XX, sofreu com as duas Grandes Guerras. Na Primeira, ao ser convocado para o combate e na Segunda, ao se deparar com a pobreza e luto com a morte trágica dos pais, em especial da mãe que desapareceu em Auschwitz¹.

A escolha de Norbert Elias para a feitura deste ensaio decorreu da importância ocupada por ele nas ciências humanas, em particular, para as ciências sociais. Ele reivindicava constantemente uma ciência dos homens que incorporasse não somente a tríplice repartição das ciências sociais (Sociologia, Antropologia e Política), mas que também circunscrevesse disciplinas afins como a Psicologia, Filosofia, História, Linguística, que resultasse numa abordagem interdisciplinar². Elias exprime que a relação com a morte, assim como a vinculação com o corpo, é parte fundamental do processo de interiorização, seja pela tolerância da morte em si mesma ou pela recusa das emoções que se associam a ela.

No elenco das obras publicadas na França desde a década de 1970, sobre aquilo que me parece ser a crise contemporânea da morte, figura o livro de Philippe Ariès³ intitulado *O homem diante da morte* publicado no Brasil em dois volumes pela Editora Francisco Alves. Esta

é a obra principal com a qual Elias dialoga em *A solidão dos moribundos*.

No seu livro *O homem diante da morte*, Ariès mostra que a atitude do homem perante a morte mudou muito ao longo dos séculos e que a forma como esta é hoje encarada é, na verdade, muito recente. As transformações da representação social da morte passam despercebidas, por serem muito lentas. O tempo que as separa equivale às várias gerações e ultrapassa a capacidade da memória coletiva⁴. Para traçar um panorama dessas mudanças desde a Idade Média, Ariès se baseou em textos literários, inscrições em túmulos, obras de arte e até diários pessoais.

A morte solitária, a que Ariès³ se refere, é o ponto de partida de Norbert Elias⁵, em *A solidão dos moribundos*, assinalando que nas sociedades antigas ou não industriais a morte era mitologizada pela concepção de outra vida em um local que poderia receber vários nomes como Hades, Inferno, Valhalha ou Paraíso. Nas sociedades industriais hodiernas, o homem assume outras posições no enfrentamento da finitude da vida; uma das atitudes se manifesta no tabu de pensar sobre a morte, afastando-a e encobrindo-a o máximo possível da vida social e privada. Alguns indivíduos assumem a posição de imortalidade, na qual repousa a concepção de que os outros morrem, mas eu não. Assim, o autor aponta que se pode assumir a morte como um elemento significativo da existência.

O debate sobre a morte no Ocidente

A morte é afastada do debate social e qualquer pergunta sobre o fim da vida se restringe principalmente, ao ambiente médico. Elias sublinha que a morte não se

prende unicamente ao atestado de óbito, ao caixão e às cerimônias fúnebres, pois muitas pessoas morrem gradualmente, adoecem, envelhecem e são separadas do convívio social, para finalmente morrerem em completo isolamento daqueles a quem eram afeiçoados. O isolamento ao qual velhos e moribundos são submetidos revela a grande fragilidade das sociedades industriais, pois os vivos têm enorme dificuldade de identificar-se com os moribundos.

Com o passar do tempo e a industrialização das sociedades, os sistemas que lançavam mão de crenças sobrenaturais no enfrentamento dos perigos e da morte foram cedendo espaço para os sistemas seculares⁶, pois o aumento da expectativa de vida nessas sociedades levou os indivíduos a se sentirem mais seguros.

A segurança relativa e o aumento da expectativa de vida retiraram a morte da vida pública. Elias afirma que, nessas sociedades, há um recalcamento da morte, pois ela é cada vez mais adiada. A publicidade dos ritos funerários não é mais corriqueira como nas sociedades antigas e medievais.

Para a expressão morte recalcada, Elias atribui dois sentidos, sendo um no plano individual e outro no social. No senso individual, o Estudioso alemão é tributário da formulação freudiana que se refere “a todo um grupo de mecanismos psicológicos de defesa socialmente instilados pelos quais experiências de infância excessivamente dolorosas, sobretudo conflitos na primeira infância e a culpa e a angústia a eles associados, bloqueiam o acesso à memória”³⁽¹⁵⁻⁶⁾. Nessas trincheiras cavadas pelos indivíduos, é possível encontrar medos infantis relativos à morte, tornando

as pessoas incapazes de se aproximarem de moribundos, dando-lhes afeto e carinho, pois a proximidade da morte dos outros comunica a própria mortalidade.

No plano social, Elias⁷ confere ao recalcamento um sentido diferente. Ele situa o conceito dentro de sua formulação teórica de processo civilizador, cujo comportamento social em relação à morte está associado “a sentimentos de vergonha, repugnância e embaraço”^{5(p. 18)}, chegando ao banimento para os bastidores da vida social ao longo do surto civilizador. Assim, para os moribundos, isto significa a interdição do convívio social, o isolamento e a solidão.

O diálogo entre Elias e Ariès

Elias dialoga com Philippe Ariès, criticando a concepção historiográfica do Estudioso francês presente em seus vários trabalhos sobre a morte no Ocidente. Para Elias, Ariès entende a história como uma mera descrição, revelando em amplas imagens as mudanças de comportamento do homem ocidental diante da morte, mas que no fundo não explica nada. Elias entende que Ariès fundamenta seus estudos em opiniões preconcebidas, como a ideia de que antigamente as pessoas morriam calmas e serenas.

Elias argumenta que o quadro pintado por Ariès não era bem esse, porque a concepção antiga de morrer mais calmo e tranquilo era uma idealização romântica e cortesã, já que a morte nas sociedades feudais medievais era incerta, breve e selvagem. A diferença entre a atitude diante da morte no mundo medieval em relação aos Estados-nação ocidentais industrializados é que a morte era uma temática mais aberta nas conversas das sociedades medievais do que hoje. Na

Época Medieval, a morte era menos oculta e mais familiar:

A vida na sociedade medieval era mais curta; os perigos, menos controláveis; a morte, muitas vezes mais dolorosa; o sentido da culpa e o medo da punição depois da morte, a doutrina oficial. Porém, em todos os casos, a participação dos outros na morte de um indivíduo era muito mais comum. ^{5(p. 23)}

A morte, portanto, era mais pública em épocas antigas, não existindo uma censura social, como ocorre hoje. A interdição da morte no contexto social afasta os moribundos do convívio comunitário e familiar, para morrerem em confinamentos dos hospitais, em condições mais higiênicas, mas em profunda solidão.

O sentimento vigente em nossos dias, que exclui a morte e os moribundos da vida social, desnuda a falência dos velhos rituais de pesar e suas convenções padronizadas, as quais favoreciam o enfrentamento das condições emocionais de luto. Os novos rituais, na presente etapa civilizatória, manifestam a incapacidade de muitas pessoas expressarem seus sentimentos e emoções na vida pública e até mesmo privada. Portanto os rituais religiosos de morte aliviam as angústias dos crentes, pois estes sentem que outras pessoas estão preocupadas com eles. Já os rituais seculares, aludidos anteriormente, foram destituídos de sentido, quando interditavam veladamente as excessivas demonstrações de sentimento.

No atual estágio civilizatório, como ensina Elias, as pessoas quando estão próximas aos moribundos são incapazes de demonstrar afeição e carinho, mediante um toque de ternura. Tocar e acariciar⁸

um moribundo passou a ser “contagioso”, portanto, só resta afastar-se para não se contaminar. Assim, a separação involuntária ou não, a que os moribundos são submetidos, provoca neles a sensação de não pertença e de exclusão.

Este afastamento silencioso, semiconsciente ou não, dos vivos em relação aos moribundos perdura mesmo após a morte. As tarefas e objetos para os funerais são deixados a cargo de empresas especializadas, quando outrora eram atividades executadas pela própria família. A memória do morto pode continuar permeando o ambiente familiar, mas os corpos mortos e as sepulturas foram destituídos dos sentidos que em épocas passadas lhes eram conferidos⁹.

Elias destaca o papel da memória dos mortos para os vivos presentes ou futuros. Muitos vivos, querendo deixar uma marca de sua existência para ser lembrada pelas gerações futuras, se debruçam de forma incansável em criar e realizar. Isso nem sempre é uma atividade consciente, porém desvenda o medo da morte, da finitude do esquecimento. As gerações futuras julgarão o que deve ou não ser lembrado das épocas anteriores, pois “quando a cadeia da recordação é rompida, quando a continuidade de uma sociedade particular ou da própria sociedade humana termina, então o sentido de tudo que seu povo fez durante milênios e de tudo o que era significativo para ele também se extingue”^{5(p.41)}. Assim, há mútua dependência entre as gerações, cuja compreensão atual é obstaculizada pela recusa na aceitação da finitude da vida individual.

Elias ainda indica que a consciência da finitude do homem é muito antiga, mas a forma de encobri-la mudou com o

passar do tempo. Em épocas antigas, os homens tinham nas fantasias coletivas, um mecanismo para lidar com a morte. Isto, porém, não quer negar que presentemente não desempenhem papel algum, mas, com a escalada da individualização, elas perderam força, sendo substituídas por fantasias pessoais de imortalidade.

No debate entre as crenças coletivas dos antigos e as fantasias de imortalidade dos contemporâneos, Elias mais uma vez critica o trabalho de Ariès. O Sociólogo alemão reconhece a erudição do Historiador francês, mas ressalva que lhe faltam os modelos teóricos na elaboração de uma história de longa duração, bem como a ausência de uma concepção do que seja impulso à individualização. Para Elias, Ariès comete um erro quando, de forma quase dogmática, enaltece a atitude tradicional de serena espera pela morte e despreza as fantasias de imortalidade presentes no momento. Ele afiança, porém, a ideia de que, no curso do processo civilizador, as ideias coletivas diminuíram o impacto sobre as mentes individuais, a tal ponto que as fantasias individuais de imortalidade surgem com maior destaque.

A morte e o sexo foram áreas sociobiológicas mais permeadas de tabus. Em torno do sexo, existia grande número de normas religiosas, morais e sociais que não podiam ser violadas. Nas últimas décadas, contudo, mudança significativa ocorreu nas sociedades. Nas escolas, os professores falam abertamente aos alunos sobre métodos anticonceptivos e o exercício da sexualidade. Os meios de comunicação recomendam em múltiplas campanhas publicitárias o uso de preservativo, a fim de evitar doenças sexualmente transmissíveis. A família, um dos últimos bastiões da resistência, conseguiu quebrar algumas barreiras civilizadoras, pois os pais já

aconselham seus filhos sobre o início da vida sexual, alertando acerca de doenças e gravidez indesejada. A conversa dos pais ainda está muito restrita ao que evitar e pouco se fala sobre outras dimensões da sexualidade. Portanto, o sexo, como área interdita da vida social, mudou ao longo do século XX.

A relação entre sexo e morte figura no trabalho de Georges Bataille (1897-1962) intitulado *O erotismo*. Para Bataille¹⁰, o erotismo tem função intermediária da vida com a morte ou da paz com a violência, configurando-se numa regra, a qual impõe disciplina e ordem ao homem, separando-o da animalidade. A violação a esta ordem, essencialmente ligada ao sexo, não constitui a sua abolição, mas o seu complemento, já que o tabu existe para ser transgredido. Diferentemente de Platão, Bataille entende que o eros não leva mais à eternidade do mundo das ideias, mas à experiência concreta da morte. Portanto, para o estudioso francês, o erotismo “é ora o amor, a santidade, a ascese, ora a libertinagem, o deboche, a obscenidade, porém não consegue permanecer entre esses termos opostos, sem identificar-se nem com uns nem com outros”^{11(p.65)}.

Assim, no curso de século XX, o sexo e a morte percorreram caminhos distintos. Enquanto, as representações sobre sexo se desvencilhavam dos tabus a elas impostas, o embaraço, a agonia, a ocultação e o isolamento da morte aumentaram, tornando a aproximação dos vivos aos moribundos semelhante à reação das pessoas sobre os encontros abertos na vida social da era vitoriana. Elias resume:

Tanto a sexualidade como a morte são fatos biológicos moldados pela experiência e pelo comportamento de maneira socialmente específica,

isto é, de acordo com o estágio alcançado pelo desenvolvimento da humanidade, e da civilização como um aspecto desse desenvolvimento. Cada indivíduo assume os padrões sociais comuns à sua própria maneira.
5 (p.53-4).

A relação das pessoas com a morte não fica circunscrita apenas ao aspecto biológico, mas, ao longo do processo de civilização, as mudanças associadas a essa relação revelaram mais nitidamente o problema sociológico da morte nas sociedades contemporâneas. Elias assevera que é no mundo ocidental onde a morte atinge alto grau de recalçamento desde algumas características. A primeira apontada por ele diz respeito ao fato de que nessas sociedades a morte é considerada algo distante, em virtude da expectativa de vida ter sido aumentada com o incremento de novas técnicas médicas. Aliada, diretamente a esta característica, outra revelada por Elias mostra que nessas sociedades a experiência da morte é vista como um estágio final de um processo natural, ocorrente na velhice. A terceira característica que ele registra é o alto grau de pacificação interna vivida por essas sociedades, que leva as pessoas a criarem imagens de uma morte pacífica, na qual o indivíduo falece após um período de enfraquecimento decorrente da própria velhice. Por fim, a última característica das sociedades industriais revela-se no alto grau de individualização, em que a morte no imaginário e na memória de uma pessoa aproxima-se da imagem que possui de si mesma.

Elias acentua que a natureza especial da morte e sua experiência nas sociedades industriais não podem ser devidamente compreendidas sem o grande impulso da individualização estabelecido desde

o Renascimento, pois, mesmo após muitas variações, permanece ainda hoje. O caminho percorrido por este surto à individualização apresentou várias etapas. Nas fases iniciais, o sentido estava posto na ideia da vida sociável e morte solitária, pois se podia viver em alegria com os outros, porém o momento da morte deveria ser solitário. Elias assinala que uma pessoa, ao perceber a aproximação de sua morte e perdendo o sentido para os outros, vivencia a experiência de verdadeiramente estar sozinho.

Este estar sozinho o qual descreve Elias é uma das muitas variantes do conceito de solidão, que também pode significar o amor ferido de uma pessoa no passado, cuja lembrança no presente faz evocar as dores e as marcas. Desta forma, indivíduos assim atingidos, involuntariamente, ocultam seus sentimentos em relação aos outros, vivendo uma forma de solidão. Também pode significar o fato de pessoas viverem no meio de outras, mas que já perderam o sentido para estas, como é o caso dos mendigos e bêbados deitados nas calçadas e ignorados pelos transeuntes. A forma extrema de solidão, destacada pelo Sociólogo alemão, diz respeito à condição como os judeus eram levados para as câmaras de gás nos campos nazistas - reunidos ao acaso, homens, mulheres, crianças e velhos, todos nus, rumo à morte, desconhecidos entre si, sozinhos no meio de muitos.

Considerações Finais

Em outro texto de Elias, também inserido no livro *A Solidão dos moribundos*, ele retoma alguns problemas sociológicos do envelhecer e morrer. O estudioso tedesco ressalta que há grande dificuldade das pessoas mais jovens em entenderem ou imaginarem o momento em que as

pernas deixarão de obedecer às suas vontades. Muitos veem a condição do idoso, embora semiconsciente, como um desvio social, pelo qual não querem passar. Os mais jovens têm grande dificuldade de se colocar na posição vivida pelos velhos. Presentemente, resiste-se à ideia de envelhecimento¹² e da morte o máximo possível, pois envelhecer é ficar tutelado e potencialmente mais dependente dos outros, perdendo o poder e o controle de outrora.

Elias contrapõe a forma de morrer nas sociedades contemporâneas, com a de falecer nas sociedades medievais ou pré-industriais. Na maneira antiga, a família estava no centro do cuidado dos velhos e moribundos, pois era no espaço familiar que eles recebiam proteção e afeto, mesmo em situações higiênicas adversas.

Portanto, a pretensão de Elias é completar o diagnóstico médico dos sintomas físicos do envelhecimento e da morte, com um diagnóstico sociológico explicitado na forma como as sociedades industriais expõem seus velhos e moribundos ao isolamento e à solidão

Referências

1. Heinich N, Elias N. História y cultura em occidente. Buenos Aires: Nueva Visión; 1999.
2. Waizbort L. organizador. Dossiê Norbert Elias. São Paulo: Edusp; 2001.
3. Ariès P. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1981. 2 v.
4. Halbwachs M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice; 1990.
5. Elias N. A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.
6. Berger P. L. O dossel sagrado. São Paulo: Paulus; 1985.
7. Elias N. O processo civilizador: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar; 1994. v. 1.
8. Bologne J. C. Do sagrado ao íntimo. In: Cahen. G. organizador. O beijo. São Paulo: Mandarin; 1998.
9. Riedl T. Últimas lembranças: retratos da morte, no Cariri, região do Nordeste Brasileiro. São Paulo: Annablume; 2002.
10. Bataille, G. El erotismo. Madrid: Tusquets; 2005.
11. Perniola, M. Pensando o ritual: sexualidade, morte, mundo. São Paulo: Studio Nobel; 2000.
12. Beauvoir, S. A velhice. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.

Endereço para correspondência:

Edilson Baltazar Barreira Júnior
Rua Cônsul Gouveia, 198
Carlito Pamplona - CEP 60.335-390
Fortaleza - Ceará
E-mail: edilsonbarreira@yahoo.com.br